

Temas para Meditação e Desenvolvimento



MAJ BRIG R/R LAURO NEY MENEZES

I – CÓDIGO PESSOAL DO OFICIAL

A mais intuitiva das verdades a respeito das pessoas é que estas não são idênticas.

Existem, isso sim, indivíduos cujos atributos pessoais ajudam ou reforçam a capacidade de atingir padrões profissionais considerados como desejáveis e necessários.

Os mais valorosos Oficiais da nossa História são lembrados, não por haverem sido perfeitos, mas por haverem elevado suas qualidades acima das comuns a todos os homens.

A essência de um código pessoal, porém, é que ele é "pessoal". Cada Oficial deve decidir o que seu próprio código conterà e até onde ele orientará sua vida. Entretanto, isso não significa que cada Oficial escolherá seu pró-

prio caminho, em matéria de procedimentos, deixando-se levar por inclinações e caprichos pessoais. Haverá elementos de controle que serão, sempre, as necessidades da profissão escolhida. Isso limita, de uma certa forma, a liberdade individual do Oficial, que compreende, à medida que adquire experiência e maturidade profissional, que o código moral de sua profissão é uma forma de vida de padrão já estabelecido.

II – O CARÁTER OFICIAL

Durante séculos o "Código de Cavalaria" foi uma força viva e tangível na Europa Medieval: sob uma legenda romântica, embelezada por sucessivas gerações, o código dos cavaleiros andantes era muito simples. Ao lado do seu valor intrínseco de homem-de-armas, o cavaleiro devia condizer-se segundo padrões em que demonstrava virtudes tais como: bondade para com todos, especialmente para com as mulheres, os fracos e os mendigos; lealdade ao Chefe e à Pátria. Exposto tão resumidamente, o "Código dos Cavaleiros" parece quase ingênuo, atualmente. Mas a Cavalaria, em seu apogeu, foi expressão do mesmo idealismo que, no fervor religioso, produziu as grandes catedrais da Europa, preciosas relíquias daquela época.

Uma norma de conduta, que utiliza algumas das idéias do "Código da Cavalaria", convém ser cultivada pelos Oficiais. Com isso permanecem presentes em suas ações conceitos e virtudes tais como a honra, a bravura, a decência e outras que a vertigem do materialismo vai expulsando dos homens deste século.

Há certo número de virtudes universalmente aceitas como desejáveis para um Oficial. As que serão aqui examinadas são, talvez, as de maior relevância, pois abrangem a significação de vários termos de sentido mais restrito, e sempre encontrados nas Fichas de Conceito, como desejáveis ou essenciais à personalidade do Oficial.

Ao encarecer a integridade, a lealdade, a dignidade, a decência e a coragem, como qualidades de um Oficial, seria leviandade afirmar que não existem outras qualidades. Há outras ou, pelo menos, outras formas de encarar essas mencionadas.

Nosso objetivo é enfatizar qualidades fundamentais, indispensáveis a um Oficial. Os termos usados não são tão importantes quanto as virtudes que eles realmente querem definir.

1) Integridade

A integridade, no sentido de honestidade e de sinceridade no trato dos negócios da caserna, é um requisito essencial para todo Oficial. Mas, a integridade abrange muito mais do que isso.

Uma pessoa pode ser inteiramente honesta e sincera e, mesmo assim, ser deficiente em sua "integridade profunda", que é a marca dos *melhores* Oficiais. O cuidado metuculoso com o dinheiro e as propriedades da Nação é mandatório. Mas, o Oficial, que é honesto *unicamente* para evitar aborrecimentos, evidencia uma espécie de integridade técnica e superficial. Isto não é o suficiente para as situações críticas que o Oficial encontra, inevitavelmente, no cumprimento de suas obrigações profissionais.

A integridade do Oficial deve ter raízes mais profundas que o mero desejo de evitar punições por falta de exação ou de honestidade. Quais, então, as raízes profundas da integridade que devem ser a característica dos *melhores* Oficiais?

A espécie de integridade de valor para a profissão militar tem raízes em conceitos como os de: flexibilidade, decisão, exatidão,

adaptabilidade, equilíbrio, persistência, coragem moral, firmeza de propósito e tenacidade. Tudo isso combinando-se e ajustando-se, para que, com personalidade íntegra, ele enfrente os testes que a profissão a cada momento lhe reserva.

Em todas as profissões, a integridade é desejável e merece ser respeitada, mas, para Oficiais, o "desejável" transforma-se em "indispensável". Falhas de caráter que podem acarretar tragédias pessoais, em algumas profissões, podem contribuir para tragédias nacionais, quando ocorrem na profissão militar.

2) Lealdade

Na concepção de fidelidade à Pátria, a lealdade é tão obviamente essencial a um Oficial, que maior discussão a respeito é supérflua. Outra espécie de lealdade é, porém, igualmente fundamental na profissão militar: a lealdade do Oficial em suas relações com os superiores, os camaradas e os subordinados.

Somente o Oficial que é leal pode desempenhar, integralmente, sua função no conjunto de ações que mantêm as Forças Armadas como um todo e as tornam capazes de agir com sucesso. A lealdade deve-se estender por toda a cadeia-de-comando, nos dois sentidos. Cada indivíduo, nesse elo humano, deve ser leal para com todos na cadeia-de-comando.

A lealdade para com os superiores consiste no apoio entusiástico às decisões e ordens destes, a despeito dos pontos de vista pessoais e dificuldades da missão. A lealdade para com os camaradas e os subordinados consiste em estar sempre pronto para assumir a inteira responsabilidade das próprias decisões e ordens e das conseqüências decorrentes delas. A falta de lealdade em um sentido acarreta, imediatamente, a falta dessa qualidade no outro sentido, pois os efeitos se fazem sentir ao longo de toda a cadeia-de-comando.

3) Dignidade

A dignidade é a exteriorização de crenças e atitudes do indivíduo que revelam, não somente o que ele pensa de si mesmo, mas, também, dos demais. A dignidade real

não é um disfarce para encobrir fraquezas; não é traduzida por gestos ou atitudes superficiais. Somente uma pessoa de caráter íntegro tem dignidade genuína.

Se a dignidade pode ser relacionada com alguma regra, é com esta: - "Seja você mesmo; seja sincero e distinto e a dignidade aparecerá, por si mesma". Se o caráter de uma pessoa é basicamente íntegro, nenhuma norma-padrão de conduta é necessária.

Existem, porém, algumas demonstrações de dignidade que têm particular importância na profissão militar. Os cuidados com o vestir e a aparência, em geral, denotam satisfações consigo próprio. Em um Oficial, esses cuidados demonstram, ao mesmo tempo, essa satisfação íntima e o orgulho pela instituição a que pertence. As variações no vestuário - que são normais entre os civis - não podem ser toleradas em um Oficial, uma vez que o uniforme o identifica como um Chefe, dentro da Aeronáutica. A maneira de vestir o uniforme é assunto que interessa ao Oficial, mas, igualmente, à Aeronáutica.

A cortesia é uma prova de dignidade que tem especial significação para os Oficiais, não somente no seu sentido formal de etiqueta, mas, também, no sentido mais geral de consideração e distinção para com os demais.

Espera-se que o Oficial da Aeronáutica seja cortês e cavalheiresco, no grau apropriado, em todas as circunstâncias. A cortesia não é virtude que deva ser reservada para o Clube de Oficiais ou reuniões sociais. Todo Oficial tem relacionamento com superiores, subordinados e camaradas. No que concerne à cortesia, essas relações se confundem em um único padrão, dentro do qual nunca há justificativa para falta de polidez, desrespeito ou outras formas de ofensa à dignidade pessoal.

A cortesia militar inclui certos atos formais e habituais e procedimentos peculiares à Aeronáutica ou às Organizações Militares em geral. A observância das formas exteriores da cortesia militar é mais significativa, quando traduz uma verdadeira dignidade interior; sem

aquelas tendem a ser nem verdadeiras, nem corteses. A sinceridade, portanto, é a alma da cortesia militar.

4) Decência

A decência é um dos mais marcantes e, talvez, o mais difícil de definir entre os atributos de um Oficial. Ela significa, em sentido mais estrito, responsabilidade e decoro.

Normalmente, a sociedade encara os padrões morais de uma pessoa como assunto inteiramente de foro íntimo. Se um indivíduo prefere comprometer a saúde, o futuro ou a reputação por uma conduta imprópria, isso constitui, geralmente, uma questão pessoal. Seus vizinhos podem discordar da situação, sem discutir abertamente seu direito de viver a própria vida. Desde que o indivíduo não prejudique a comunidade, nem ponha em perigo o bem-estar de outras pessoas, sua conduta não pertence ao âmbito das coisas públicas.

Entretanto, diferente é a situação de um Oficial. Seu afastamento dos padrões de respeitabilidade e decoro é um assunto sério e suas fraquezas morais não são inteiramente uma questão pessoal.

Se elas acarretam uma conduta em desacordo com os padrões de decência estabelecidos, tanto o público, quanto a instituição estão verdadeiramente e gravemente afetados.

Os padrões de decência são elementos de controle que as sociedades civilizadas criam, tendo em vista o bem-estar geral; é importante que os militares os cultivem.

5) Coragem

A Coragem sempre foi considerada por todos como a virtude militar por excelência. Isso é explicável, pois é no campo de batalha que ela é mais necessária e onde se mostra mais vigorosamente caracterizada. Daí servir para estabelecer o valor de um militar, critério ainda bem atual, embora a guerra moderna tenha criado tipos de coragem que se revelam fora dos campos de batalha.

O verdadeiro corajoso é aquele que, embora sentindo medo, enfrenta aquilo que o atemoriza.

Coragem é, portanto, um estado de espírito que leva alguém a enfrentar conscientemente um perigo. "Coragem é a obediência da carne ao espírito".

III—O CHEFE MILITAR

As Forças Armadas constituem a expressão do Poder da Nação, pois não só garantem a Soberania do Estado, mas, também, asseguram o exercício de sua vontade, através das armas.

A estrutura das Forças Armadas, desde os tempos mais remotos, assenta em princípios de hierarquia e disciplina.

A História mostra que nos clãs e tribos que se agrupavam para guerrear, os Chefes surgiam selecionados pelas leis naturais que regem a liderança dos grupos: a força física, a astúcia, a coragem, a inteligência e a ascendência moral, capazes de responder eficientemente às expectativas do grupo.

Nas Forças Armadas contemporâneas, os Chefes são previamente preparados e exercitados, dia a dia, nos seus misteres, galgando postos sucessivamente.

Os tipos de chefia democrática e autocrática definem as maneiras de exercício do mando, diferenciadas fundamentalmente no que concerne à posição do subordinado em relação à do Chefe.

Assim:

O Chefe democrata coordena e usa as ordens como definição de tarefa comum a ser realizada, enquanto o autocrata controla e emprega as ordens como imposição de sua vontade.

O primeiro explora a delegação de atribuições, o segundo abusa da centralização daquelas atribuições.

O democrata usa normalmente a sugestão, ocasionalmente a persuasão e excepcionalmente a coação, enquanto o autocrata faz uso normal da coação, ocasional da sugestão e, somente em casos excepcionais, da persuasão.

A chefia democrática convence o subordinado de que o cumprimento do dever satisfaz, em última análise, os próprios interesses dos executores; a autocrática exige a obediência em face das sanções correspondentes.

O Chefe democrata emprega, como instrumento predominante de ação, o moral do grupo, alicerçando sobre ele a indispensável disciplina, compreensiva, sólida e conseqüente; o Chefe autocrata utiliza, como instrumento predominante de direção, a disciplina e, sobre a mesma, procura (quando o faz) alicerçar o moral do grupo.

O democrata coloca os subordinados em situação de participação ativa nos empreendimentos a realizar, orientando-os para um objetivo digno; ao contrário, o autocrata, considerando os subordinados simples peças de um mecanismo, os mantém em posição passiva, manejados ao seu talento.

Finalmente, a chefia democrática é aquela que orienta, dirige, educa e estimula os subordinados, obtendo deles cooperação voluntária e simpatia, ao mesmo tempo em que desenvolve neles, ao máximo, a capacidade de trabalho. A Chefia autocrática se caracteriza pela imposição da vontade do Chefe, limitando a ação dos subordinados através de regras rígidas e minuciosas.

Dentro dessas considerações, inclinamo-nos, incondicionalmente, ao "teor" que caracteriza o chefe democrata, cujo desempenho está afinado com os princípios de liderança.

A posição do militar como chefe dá-lhe as prerrogativas hierárquicas e funcionais para:

- influir sobre os atos dos subordinados;
- exercer sua ação por meio da autoridade;
- unir seus subordinados em decorrência dos imperativos do dever;
- determinar, coordenar e impor, pela obediência à hierarquia.

Porém, não bastam essas prerrogativas para o êxito do exercício da Chefia Militar. É preciso que os Chefes sejam os autênticos líderes de seus subordinados, o que, obviamente,

não se obtém por legislação, mas pelas qualidades pessoais. O Chefe-líder é aquele que consegue:

- influir sobre as idéias dos subordinados;
- exercer sua autoridade pela admiração;
- unir seus comandados pela força de um ideal;
- solicitar, catequizar e conduzir pelo coração, pela fé, pelo entusiasmo, pela compreensão e pelo exemplo.

A satisfação desses requisitos, típicos do líder, tem necessariamente que ser atingida, pois, nas Forças Armadas, não cabem líderes fora da escala hierárquica.

Todos esses aspectos doutrinários visaram tentar arrolar as qualidades do bom Chefe Militar, classificadas segundo os aspectos da personalidade e respectivas manifestações.

É assunto deveras apaixonante para nossos misteres profissionais, cuja ampla bibliografia permitiria estudo muito mais extenso e completo. Há, também, os casos históricos, particularmente da II Guerra Mundial, nos quais muitos ensinamentos poderiam ser colhidos.

IV—O CASAMENTO

Escolhe bem tua companheira: além do

amor que ela te dedica, faze com que conheça a tua carreira e os teus deveres. Procura encontrar equilíbrio entre o amor (do lar) e a devoção (da carreira).

Não te esqueças de que a Força Aérea te vem preparando, há vários anos, para ascender-te na escala social, para te transformar em cavalheiro, Oficial e futuro General.

A tua noiva ou esposa deve estar à altura de um cavalheiro e de um futuro General. Procura uma jovem de boa educação, estofo moral e cultura. A Força Aérea não poderá prepará-la para ser tua esposa. Portanto, tua escolha é importante.

A esposa de um Oficial participa ativa, profunda e decisivamente na vida do profissional. Não deixes que uma escolha impensada ou imatura venha a toldar o teu futuro.

Não transformes uma aventura amorosa descomprometida em uma opção séria (e desastrosa)!

Procura tomar a decisão de constituir um lar, quando já estiveres materialmente equilibrado e emocionalmente ajustado à nova situação de Oficial. A pressa é inimiga da perfeição. Além de causadora de desajustes catastróficos, no futuro, e que intervêm no desempenho na carreira.